

Off.ᵃ Photomechanica

PENNA DE PATO... D'OURO.

BULHÃO PATO

Se eu um dia fôsse *cicerone* d'algum extrangeiro illustre, e se esse extrangeiro, depois de ter visto a Batalha, as rendas de Peniche, a custodia de Belem e a Collegiada de Guimarães, me pedisse para conhecer a creatura mais intensamente portugueza, mais cheia de sol e de raça que tivesse deitado Portugal, eu levava-o á Torre da Caparica e mostrava-lhe essa reliquia solemne do velho espirito luzitano que se chama no seculo o grande poeta Bulhão Pato.

Com effeito, nenhuma figura de homem reveste em Portugal mais amplamente o caracter da sua nacionalidade e da sua raça.

Tem um pouco do mosarabe pela ardencia e pelo amor da côr, pela expontaneidade e pela impetuosidade, pelo exagero e pelo pittoresco, — e um pouco do godo puro, pela linha fidalga da sua figura ossea e nobre, pela polidez excessiva das suas falas e pelo palacianismo empoado das suas mesuras.

Juba leonina de prata oleosa, ampla testa espiritual e grave, olho arguto de aguia, envergadura poderosa de valente, medulla educada pelas rudezas da caça, o typo do velho poeta marcou uma individualidade brilhante na sociedade romantica de 1860, e é hoje uma linda e sagrada saudade no meio d'esta pequena burguezia cosmopolita e balofa, que se perpetúa em pimpolhos loiros e imbecis, e reza ladainhas beatas pela sombra picada d'ouro das sacristias.

Bulhão Pato representa um caracter, fugido á grande onda amorpha dos incaracteristicos.

Vestissem-lhe um gibão hollandez, á Rembrandt, e teriam uma das extraordinarias figuras dos syndicos. Envolvessem-n'o n'uma ampla samarra de panno de Galles, e surgiria uma especie barbara de Nun' Alvares.

O seu gesto é largo, em curva, ampliado, castelhano, excessivo, como os typos das Comédias de Moreto; a palavra escandida, batida ás vezes n'uma seccura de matraca, outras vezes plastica, redonda, cheia, n'um geito de declamação constante e cantante, onde se apercebe um exagero sympathico e ligeiramente cervantino.

Em tamanho natural, é o symbolo perfeito do portuguez; ampliado, seria uma excellente caricatura.

Mas a chancella da raça, em Bulhão Pato, é extensiva ás suas predilecções, aos seus costumes e aos seus habitos.

O velho poeta refugiado tem hoje uma lenda de quasi devoção.

Vive recolhido como um frade bento, — e foi tumultuário como um poeta mundano.

O sonhador da *Paquita*, todo espiritual, d'olhos illuminados e grande cabelleira á *Capoul*, é tambem o caçador ousado, de casaco de velludo e grande sombreiro castorenho, batendo perdizes nos montes e correndo lébres nos espargaes.

Indistinctamente, sem se sentir, com a mesma simplicidade e a mesma facilidade, deita uma parelha de galgos ás lebres ou uma parelha de alexandrinos á Fama.

A idéa da victoria e da conquista estava para elle, indifferentemente, na mulher perseguida que cahia a um beijo, como na perdiz cinzenta que abate a um tiro.

Santo Umberto dava o braço a *D. Juan*.

Hoje, duas saudades o acompanham : a da sua mocidade agitando triumphos como uma bandeira rubra ao vento, e a das suas pernas rijas, que principiam agora a envergonhal-o e a vacillar.

Mas o estomago e a cabeça conservam-se fortes. O poeta e o cosinheiro, estão ainda no explendor da primeira mocidade.

Não ha bom portuguez que não tenha lido as *Satyras*, e as *Georgicas*, ou comido, ao menos uma vez na vida, «lébre á Bulhão Pato»

Porque, fiquem os senhores sabendo, se o não sabiam ainda, que o grande poeta é um cosinheiro illustre, como de resto o é tambem Ramalho Ortigão, esse complexo e precioso espirito que ensinou Portugal a escrever bôa prosa e a fazer batatas fritas.

A cosinha de Bulhão Pato é toda de emoções e de coloráu picante, — uma cosinha declamatoria e grandiosa, cortada de especiarias e drogas, como os *Colloquios* de Garcia da Orta, e puxando a lagrima, piedosamente, á força de pimentão, como um sermão do *Frade Lagosta*.

De vez em quando, a cosinha do grande poeta mette a sua pitadinha de sal attico: então o nosso Berchoux passa a mão ossea e fidalga pela barba argentea de velho de Espanholeto, e ou sae uma satyra valente á antiga portugueza, ou um prato picante de «perdizes á castelhana».

De resto, é em tudo um victorioso.

As suas liricas parecem um desfilar de pedras preciosas : as suas tradições de caçador honrariam a memoria do Farrobo ; a sua lenda de *D. Juan* faz ainda hoje córar muita dôce velhinha de cabellos brancos.

Mas uma das maiores paixões de Bulhão Pato é sem duvida a cosinha, essa tentadora cosinha portugueza, fradesca e solémne, que faz ao mesmo tempo arthriticos e heroes.

E tanto assim é, tanto a sua paixão é grande, que o illustre poeta não hesitaria de certo em arrancar uma folha á corôa de louros, — só para temperar melhor a sua célebre «assorda á Andaluza» !

RUFO.

Typ. Gonçalves, R. do Alecrim, 82

